

Modernidade e Pós-Modernidade nas Pesquisas em Organização: Uma Análise longitudinal a partir dos Trabalhos Premiados no EnANPAD entre 2009 e 2012.

JOSE LINDENBERG JULIÃO XAVIER FILHO

Universidade Federal de Pernambuco
lindenberg.xavier@ufpe.br

FERNANDO GOMES DE PAIVA JÚNIOR

Universidade Federal de Pernambuco
fernando.paivajr@gmail.com

1. PROBLEMATIZAÇÃO

“Liberdade, igualdade e fraternidade”, ou “*liberté, égalité e fraternité*”, foi o lema de um amplo movimento intelectual que fincou raízes nas artes, na literatura, na filosofia, na política, na economia e em tantas outras esferas do cotidiano da humanidade. Este movimento, denominado **Iluminismo**, marcou a humanidade em meio ao século XVIII inicialmente na França, e logo depois se espalhou por toda Europa.

A motivação de um grupo de intelectuais, entre eles Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784), D’Alembert (1717-1783) e Rousseau (1712-1778), tinha por base uma longa história de submissão aos imperativos naturais (leis naturais) culturalmente dominados pela ideologia cristã (Igreja Católica), bem como as estruturas feudais na economia e a repressão à ideias contrárias. A transcendência (HARDT; NEGRI, 2001) como justificativa “racional” para as ações sociais dava a Igreja domínio ideológico/cultural sobre a sociedade. Neste caso, iniciado como uma reflexão filosófica, o Iluminismo rompe com o então período das trevas e lança a ideia da imanência (HARDT; NEGRI, 2001), ou a libertação pela razão, neste caso humana e não divina (BAUMAN, 2001; 2003; CALDAS, 2005; KUMAR, 2006; BURRELL, 2007).

Como argumenta Mirandola (1943, p. 21-22):

[...] quando se pensa em Deus como um ser vivo e sagaz, é preciso estar certo de que antes de tudo se entende essa sagacidade e essa vida como livres de qualquer imperfeição. Pense-se num conhecimento que sabe tudo do modo mais perfeito; e acrescente-se que o conhecedor conhece tudo em si mesmo, de modo que não é preciso buscar fora de si, o que o tornaria imperfeito.

Tal pensamento foi chamado por Hardt e Negri (2001, p. 88) de “plano da imanência”, tendo esta racionalidade, em tese, o potencial de libertar o homem do domínio ideológico da fé (A Igreja e a transcendência), do domínio econômico (feudos) e do domínio do pensar (filosofia), dando as condições de igualdade que socialmente e economicamente não existia em meio ao século XVIII, sendo suficiente para pensar em desenvolvimento econômico e social igualitário, ou seja, progresso.

O modernismo admite uma crença em um mundo intrinsecamente lógico e de sentido, constituído pela razão ou sólida fundação universal, assumindo duas formas características do pensamento moderno: 1. O discurso espelha a razão e a ordem já existente “lá fora” no mundo e; 2. Existe um agente pensante, um sujeito, que pode se tornar consciente dessa ordem exterior, que tem suas próprias leis e podem ser descobertas pela aplicação de técnicas científicas e matemáticas (COOPER; BURRELL, 2007). Para Cooper e Burrell (2007), a razão é a propriedade privilegiada da modernidade, dado que atesta a migração da transcendência para a imanência (HARDT; NEGRI, 2001).

Contudo, se desde o século XVIII este projeto foi posto em prática, contando, como Kumar (2006) argumenta, com a revolução francesa e a revolução industrial, que lhe deram, respectivamente, consciência por meio da razão e substância material, por que não estamos em um mundo, em uma sociedade, mais livre, igual e fraterna? Parafrazeando Santos (2000) quando cita Rousseau, será que o progresso das ciências e das artes contribuirá para purificar ou para corromper os nossos costumes? Santos (2000, p. 56) indica que:

A promessa da dominação da natureza, e do seu uso para o benefício comum a humanidade, conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozônio, e à emergência da biotecnologia, da engenharia genética e a consequente conversão do corpo humano em mercado última. A promessa de uma paz perpétua, baseada no comércio, na racionalização científica dos processos de decisão e das instituições, levou ao desenvolvimento tecnológico da guerra e ao aumento sem precedentes do seu poder destrutivo. A promessa de uma sociedade mais justa e livre, assente na

criação da riqueza tornada possível pela conversão da ciência em força produtiva, conduziu à espoliação do chamado Terceiro Mundo e a um abismo cada vez maior entre o Norte e o Sul. Neste século morreu mais gente de fome do que em qualquer dos séculos anteriores.

Nota-se, claramente, que as bandeiras motivadoras do Iluminismo, que deram os substratos para a época denominada **moderna**, parecem não mais estarem erguidas e, no lugar delas, o retrato de um mundo mais dividido, mais dominado, mais subserviente ao capital e suas ideologias e grandes narrativas de competitividade, *performance*, resultados e eficiência, instauram uma crise, já apontada por Santos (2000) e Burrell (2007). A grande questão é que, embora a ciência e o modernismo tenham tido o nobre discurso emancipador, o pilar da regulação do homem, da natureza e da sociedade acabou por absorver a emancipação pretendida pela ciência. Essa é uma das evidências da crise do paradigma moderno (SANTOS, 2000; PLASTINO, 2001).

Diante de tal situação, toda a sociedade e suas bases ontológicas, além de epistemológicas, passam a serem repensadas. Pensadores críticos, tais como Aktouf (2004), se questionam sobre que bases epistemológicas e conceituais repousa a retórica da liberdade por meio da ciência e da tecnologia, promovida pela razão e domínio da natureza pelo homem? Ou seja, que base ainda permite a legitimidade do discurso moderno na contemporaneidade? O modernismo ocidental se mostrou, para Alvesson e Deetz (2007), bem como para Aktouf (2006), como uma forma brutal de acumulação de capital, nos moldes crematísticos, que gradualmente eclipsou a sociedade tradicional sob a alegação de *performance* com altos custos sociais.

Atestados como desvios do projeto inicial do modernismo, tais problemas remetam a uma reflexão em toda esfera social, inclusive nas organizações, que balizam a oferta de inúmeros bens e serviços à sociedade e utiliza da razão e da ciência para prover negócios. Latour (2000;2001) é um pensador que entende o processo do fazer ciência e identificou que, ao longo de episódios concomitantes, o capital intelectual é uma moeda de troca no mercado e, sendo assim, a razão, libertadora no projeto moderno, é base para a economia, que passa a direcionar suas pesquisas para o mercado, e não necessariamente para a liberdade, igualdade e fraternidade.

Se pesquisas são desenvolvidas, produtos são desenvolvidos, serviços ofertados e trocas realizadas entre sociedade e empresas, precisamos repensar a empresa no projeto moderno e na sociedade contemporânea. Como se encaixa a empresa, a organização no contexto da modernidade e da contemporaneidade deve ser uma preocupação latente e perene do pesquisador de organizações.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é mapear a publicação de *papers* no Brasil e verificar sua aderência, ou não, à modernidade. Como base para tal mapeamento, utilizar-se-á, como base teórica, e apresentada na seção 2, dos amplos conceitos de **modernidade** e **pós-modernidade**, apresentando suas principais características formadoras. Como base de dados para análise, escolheu-se o maior e mais qualificado evento nacional de pesquisa em organizações pela CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o EnANPAD (Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa). A abordagem metodológica será apresentada na seção 3 e os resultados na seção 4.

2. MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO NA PESQUISA EM ORGANIZAÇÕES

A modernidade, como já suscintamente discutida, se manifesta como um momento histórico com impactos no cotidiano. Mas o termo modernidade não é livre de ambiguidades (KUMAR, 2006). Pode-se definir, ao menos, dois significados distintos para o termo modernidade.

Para Kumar (2006), modernidade tanto representa um projeto político quanto um forma de racionalidade. Quando discorre sobre o projeto político indica que é um projeto

ocidental, com início pontuado historicamente na França, embora desloque o pensamento moderno – *razão e imanência* – para a idade média. Esta origem já instaura a política da diferença e sobreposição cultural do ocidental, em especial do europeu, indicando, como bem comentado por Hardt e Negri (2001), que o projeto moderno, e ocidental, é um projeto de homem, branco e europeu. Como este trabalho se volta, essencialmente, para o estudo das organizações, tangenciaremos a abordagem política da modernidade brevemente e passaremos para a segunda abordagem, mais instrumental, como Kumar (2006) e Cooper e Burrell (2007) argumentam. Recomenda-se a leitura complementar para detalhamento da abordagem política da modernidade em Hardt e Negri (2001), parte 2, páginas 87 à 110 (*Duas Europas, duas modernidades*).

A segunda abordagem de Kumar (2006) se aproxima mais das organizações, e o legado da razão adentrou no universo das organizações pela racionalidade instrumental, que pode ser perfeitamente bem entendida como Weber (1991) a propôs, ou seja, a racionalidade formal instrumental é uma forma de decisão, de racionalização, que acima de tudo visa resultados, fins específicos. “Em última análise, esta racionalidade se resume em um cálculo de adequação meios-fins, onde os fins são dados a priori e a dinâmica do raciocínio se dirige à instrumentalização dos recursos para atingir estes fins” (VASCONCELOS, 2004, p. 201).

Tal cálculo é facilmente encontrado nos primeiros tratados sobre administração, bem descritos por Taylor (2008), Fayol (2009) e Barnard (1938), para não alongar a lista. Em tais trabalhos nota-se o primado da razão, da separação do homem da natureza e seu consequente domínio, porém, não se vê a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Críticos como Dejours (1992) e filmagens, como o filme *Tempos Modernos*ⁱ, dirigido e estrelado por Charles Chaplin em 1936, apresentam que aproximadamente um século depois do projeto moderno suas bandeiras já não apresentavam incrementos de melhora em seus pleitos.

Observa-se, historicamente, que a dominação do homem pela transcendência e pela natureza não foi abolida pela razão e o projeto moderno, mas substituídas pela dominação do homem pelo homem (HARDT; NEGRI, 2001). A mudança de posição do homem, de um ser passível e submisso para um ser reflexivo e ativo, caracteriza a ontologia própria da modernidade.

Outra característica marcante da modernidade são suas metanarrativas, ou grande narrativas, que, derivadas do projeto político da modernidade, davam sentido à vida em sociedade. Tais metanarrativas se fundamentam exatamente na sociedade constituinte da modernidade, ou seja, são grandes narrativas que se referem à fé (cristã), ao gênero (masculino), à raça (caucasiano), à geopolítica (Europeu), a economia (capitalismo), a constituição social da família (nuclear heterossexual) e assim em todas as demais esferas da vida. A grande questão, que também toca na crise da modernidade (SANTOS, 2000; HARDT; NEGRI, 2001), é que este projeto político se baseia na alteridade, no Eu e no Outro, ferindo a igualdade e fraternidade com o que a modernidade foi instaurada.

Esta diferença causou ao longo dos anos grandes mazelas sociais, guerras, exploração e cooptação do local pelo global, ou seja, culturas locais foram dizimadas em prol de se ajustarem às metanarrativas da modernidade (KELLNER, 2001). Autores como Burrell (2007, p. 457) admitem que “as consequências do mundo organizado do modernismo são, de fato, construídas sobre as carnes e os ossos da morte, e os métodos de sua rápida e barata execução”.

Parece, então, que o importante não é adjetivar apenas negativamente a modernidade, pois o mundo contemporâneo, com todas as suas maravilhas e mazelas, é um produto da modernidade. O mais importante é entendê-la para tecer críticas, comentar suas bases. Na esfera acadêmica, em especial nos estudos de organizações, a modernidade é presente desde o início das pesquisas, entendendo que algumas epistemologias (paradigmas), tais como o funcionalismo, são o *mainstream* da área (VIEIRA; CALDAS, 2006; FOURNIER; GREY, 2006; ROCHA et al, 2011).

Marcos importantes nos estudos de organizações, como os princípios clássicos (TAYLOR; 2008; FAYOL, 2009; BARNARD, 1938), estratégia (PORTER, 1979), estrutura organizacional e burocracia (WEBER, 1991) dentre outros, carregam impregnados grandes narrativas de liberalismo econômico e *performatividade*, por exemplo.

Contudo, como já discutido, externalidades negativas ao projeto moderno são tão visíveis quanto seus ideais. O mundo moderno é um mundo doente (HARDT; NEGRI, 2001), e para analisar esta doença surgem movimentos antimodernistas, contra-modernos. Embora rótulos não sejam importantes, mas sim ontologias, Alvesson e Deetz (2007), bem como Mendes (2004), Vieira e Caldas (2006), Cooper e Burrell (2007) e Souza (2012) apontam como contrário ao modernismo, ou melhor, à racionalidade promovida pelo Iluminismo, o movimento **pós-moderno**.

O pós-modernismo, pode, assim como o modernismo, despertar algumas questões de conceituações diversas, dado que “sua origem é incerta e já foi declarado inexistente, morto e desprovido de significado” (WOOD JR, 2007, p. 266). Na tentativa de definir o pós-modernismo, Vieira e Caldas (2006, p. 64) afirmam que corresponde “a um movimento teórico multidisciplinar que vai da filosofia à estética, envolvendo as artes e a sociologia e chegando ao campo dos estudos organizacionais”, tendo por denominador comum a resistência ao modernismo e a crítica à razão Iluminista.

Capitaneado por pensadores da década de 80, a origem do discurso pós-moderno está nos trabalhos de Derrida, Foucault, Baudrillard, Deleuze e Guattari e Laclau e Mouffe (ALVESSON; DEETZ, 2007). Para Cooper e Burrell (2007) a força que motivou o pós-modernismo é um retorno à diferença, e não à homogeneidade que o modernismo provoca em suas metanarrativas. Críticos pós-modernistas negam toda e qualquer cooptação cultural, social ou econômica, sendo marcadamente representados por Lyotard (2004) quando afirma que no pós-modernismo não há metanarrativas que davam sentido à vida, ou seja, não há significados “lá fora”, mas sim dialeticamente construídos por meio de discurso.

Não se nega a pluralidade de identidades e a diversidade de representações da sociedade contemporânea, tornando-a irreduzível. O que se apresenta na pós-modernidade é que não se pode organizar nem tampouco discernir esse pluralismo com qualquer princípio a priori. Essa demarcação perde o sentido no pós-moderno, ou no pós-modernismo. Por isso afirma Kumar (2006, p. 140) que:

[...] não há, ou pelo menos não há mais, qualquer força controladora e orientadora que dê à sociedade forma e significado – nem na economia, como argumentaram os marxistas, nem no corpo político, como pensaram os liberais, nem mesmo, como insistiram os conservadores, na história e na tradição.

O que há na condição pós-moderna é a fragmentação frente à totalidade da sociedade moderna; é a pluralidade frente ao autoritarismo monolítico. Para Lyotard (2004), não há grandes narrativas que baseiem o processo de significação das ações, mas apenas o individual político, o que faz sentido na construção individual da significação, logo, no discurso.

Além disso, enquanto movimento contrário, o pós-modernismo combate as bases do modernismo, por isso criticam a separação plena do homem da natureza, o progresso da ciência enquanto libertadora, a matematização da vida e das pesquisas e o domínio e controle do homem pelo homem. Por isso Alvesson e Deetz (2007) indicam que os pós-modernistas entendem todo o projeto moderno como errado, mantendo a crença que ajustes incrementais ou instrumentais não resolverão o problema, mas somente mudanças ontológicas, numa espécie de futuro imaginável, porém de contornos ausentes.

O problema é que diante uma abordagem predominantemente crítica, o pós-modernismo é entendido tanto como um momento de ruptura com o modernismo, numa abordagem paradigmática nos moldes de Kuhn (1962), como uma perspectiva de análise, como defendido por Hardt e Negri (2001) e Kumar (2006). Essa confusão conceitual diz

respeito às origens e principais características do pós-modernismo, que são multidisciplinares, contraditórias e, muitas vezes, confusas (WOOD JR, 2007).

Assim, se na modernidade a ideia central da ciência era promover conhecimento útil (POPPER, 2006), na pós-modernidade o papel da pesquisa é muito diferente, servindo primeiramente para tentar abrir a indeterminação que a ciência social moderna, as concepções cotidianas, as rotinas e as práticas têm fechado (ALVESSON; DEETZ, 2007, p. 254), daí o conhecimento gerando é antipositivo, do ponto de vista de funcionalidade, de generalidade, de previsibilidade. A ordem e progresso, perfeitamente entendido como sendo vocábulos da modernidade, são desconstruídos pela pós-modernidade em suas bases de edificação.

No que tange às organizações, do ponto de vista pós-moderno, a organização é menos a expressão do pensamento planejado e da ação calculada – típicos da modernidade – e mais uma ação defensiva a forças intrínsecas ao corpo social que ameaçam constantemente a estabilidade da vida organizada (WOOD JR, 2007). Há de se considerar que são movimentos antagônicos em sua ontologia, porém, nesta pesquisa, admite-se a posição “política” de Kumar (2006) que admite ser o pós-modernismo uma perspectiva de análise, e não uma ruptura. Ajusta-se naturalmente a concepção de acúmulo progressivo e reflexivo do conhecimento defendida por Popper (2006), frente à posição de ruptura paradigmática de Kuhn (1962) e sua incomensurabilidade.

Essa distinção se manifesta, também, nas pesquisas, onde Wood Jr (2007), bem como Barreto (1998), Mendes (2004), Vieira e Caldas (2006), Cooper e Burrell (2007), Alvesson e Deetz (2007), Alcadipani e Tureta (2009), Rocha et al (2011) e Souza (2012) evidenciam que as pesquisas que o posicionamento das pesquisas em organizações no Brasil é predominantemente moderno (positivista, funcionalista, estruturalista ou outra posição epistemológica).

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa se caracteriza pelo questionamento: **Qual a tendência nas pesquisas nacional em organizações?** O objetivo da pesquisa é mapear a publicação de *papers* no Brasil e verificar sua aderência, ou não, à modernidade, tendo uma abordagem quantitativa-qualitativa, com intento de descrever a pesquisa nacional em organizações quanto à sua posição ontológica: **moderna** ou **pós-moderna**.

O primeiro ajuste é nesta posição binária que o objetivo parece indicar. Classificar e estruturar são processos modernistas, porém, como a ideia não é polarizar, mas analisar tendências, o processo de análise do material empírico contou com o roteiro ajustado de classificação, que se baseou na pesquisa de Oliveira, Costa e Kovacs (2011) e seus indicadores do positivismo (modernismo). O ajuste se dá exatamente neste ponto, em que se utilizaram as características do positivismo como sendo características do modernismo. Conforme evolução crítica-histórica apresentada por Barreto (1998), percebe-se que o positivismo é um posicionamento epistemológico do modernismo como *epistémé* de pesquisa.

Assim, para esta pesquisa, ajustes foram feitos e aplicou-se uma escala *Likert* de 4 pontos, como segue na quadro 1 os critérios de classificação da ontologia e a escala de análise.

Presença na Análise				Descrição da pesquisa moderna
Inexistente (1)	Fraca (2)	Moderada (3)	Forte (4)	Visão determinística, racional e cartesiana sobre os fatos
				Generalização ou totalização como resultado final da pesquisa
				Afirmção categórica sobre a realidade verdadeira (metanarrativa cultural)
				Independência entre pesquisador e o objeto observado
				Descrição do objeto em propriedades mensuráveis

Quadro 1: Critérios de classificação da ontologia e a escala de análise
Fonte: Adaptado para esta pesquisa de Oliveira, Costa e Kovacs (2011)

O *corpus* da pesquisa foi formado por 45 artigos premiados do evento EnANPAD (Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), no período compreendido entre 2009 e 2012. A escolha do período se deu pela estabilização na divisão dos subtemas pelas divisões acadêmicas do evento, como apresentado na tabela 1.

Divisões acadêmicas e temas	2008	2009	2010	2011	2012*	Variação de 2008 para 2012	Variação de 2009 para 2012
ADI	4	7	9	9	9	125,00%	28,57%
APB/APS	3	11	8	8	8	166,67%	-27,27%
CONT	2	6	8	7	7	250,00%	16,67%
EOR	3	12	12	12	12	300,00%	0,00%
EPQ	3	9	9	9	9	200,00%	0,00%
ESO	3	13	12	11	11	266,67%	-15,38%
FIN	3	6	6	6	8	166,67%	33,33%
GCT	4	8	9	9	10	150,00%	25,00%
GOL	2	9	6	7	7	250,00%	-22,22%
GPR	2	10	9	10	10	400,00%	0,00%
MKT	4	9	9	9	9	125,00%	0,00%
Total temas	33	100	97	97	100	218,18%	3,52%

* - Em 2012 as divisões acadêmicas não aceitam trabalhos submetidos pela opção "tema livre".

Tabela 1: Distribuição dos subtemas por divisão acadêmica do EnANPAD

Fonte: Elaborado pelos autores com base em informações disponíveis no site www.anpad.org.br

Como se observa na tabela 1, o número total de subtemas nas divisões acadêmicas do evento variou de 33 em 2008 para 100 em 2012, passando por estabilização em 2009, 2010 e 2011. Acredita-se que esta estabilização se deu em virtude de ajustes na determinação de subtemas das divisões acadêmicas, representando as pluralidades inseridas em cada uma das 11 (onze) divisões acadêmicas descritas no quadro 2.

Temas de Interesse [Divisões acadêmicas]	
ADI	Administração da informação
APB	Administração Pública [divisão presente a partir de 2009]
APS	Administração Pública e Gestão Social [somente presente no ano de 2008, substituída nos demais anos pela divisão acadêmica APB]
CON	Contabilidade
EOR	Estudos Organizacionais
EPQ	Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade
ESO	Estratégia em Organizações
FIN	Finanças
GCT	Gestão de ciência, tecnologia e inovação
GOL	Gestão de Operações e Logística
GPR	Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
MKT	Marketing

Quadro 2: Temas de interesse [divisões acadêmicas do EnANPAD]

Fonte: Disponível online pelo link

http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=subsecao&cod_edicao_subsecao=904&cod_evento_edicao=68, acesso em 22 Jul. 2013 às 2h40m

A organização do evento elege, a cada edição, 1 (um) trabalho para receber o prêmio de “**melhor trabalho por divisão**”, totalizando 11 (onze) trabalhos premiados por edição. A exceção ficou para o ano de 2010, que a divisão acadêmica “**Marketing**” elegeu 2 (dois) trabalhos para serem premiados. Afora o prêmio de “**melhor trabalho por divisão**”, a

comissão também elege um dos 11 (onze) já premiados para receber o prêmio “**Melhor Trabalho EnANPAD – Prêmio Clóvis L. Machado-da-Silva**”. A lista dos trabalhos premiados pode ser acessada gratuitamente pelo site www.anpad.org.br. O acesso aos trabalhos premiados contou com o apoio da GEAP/UFPE na disponibilização dos anais do evento.

Como a escolha se baseou no corte temporal de 4 anos (2009 até 2012) e dos artigos premiados, o *corpus* contou com 45 (quarenta e cinco) artigos. No entanto, como a ontologia a que se quer analisar se refere ao relacionamento do pesquisador (pesquisa) com o objetivo empírico, retirou-se da amostra selecionada 6 (seis) artigos, sendo: 3 (três) da divisão acadêmica EPQ nos anos de 2009, 2010 e 2011; 1 (um) da divisão acadêmica APB em 2010; 1 (um) da divisão acadêmica CON em 2010 e; 1 (um) da divisão acadêmica EOR em 2012.

Sendo assim, o total efetivo de artigos que compõe o *corpus* foi 39 (trinta e nove). Ao término da análise de cada artigo premiado a média aritmética simples dos cinco indicadores da descrição (quadro 1) foi obtida, classificando o artigo em “**tendência moderna**” [se ≥ 3] ou “**tendência pós-moderna**” [se < 3]. Ao término da análise dos 11 (onze) artigos de cada edição do evento, com a exceção do ano de 2010 como já exposto, a média aritmética simples foi obtida, classificando a edição do evento em “**tendência moderna**” [se ≥ 3] ou “**tendência pós-moderna**” [se < 3].

O mesmo procedimento foi feito por divisão acadêmica de forma longitudinal, ou seja, computou-se a média aritmética simples dos artigos premiados de cada divisão acadêmica durante os 4 anos analisados e obteve-se, ao final, a média aritmética simples de todos os artigos premiados por divisão acadêmica, classificando a divisão acadêmica em “**tendência moderna**” [se ≥ 3] ou “**tendência pós-moderna**” [se < 3].

A opção por apresentar o resultado como tendência se justifica pelo posicionamento acatado nesta pesquisa de entender o pós-modernismo como sendo uma perspectiva de análise (KUMAR, 2006), como já discutido na seção 2. O score “3” como distintivo da análise se deu arbitrariamente, considerando que a “**tendência moderna**” se manifesta se as descrições estiverem presentes de forma, no mínimo, “**moderada**”.

Um ponto importante da abordagem metodológica diz respeito aos limites da metodologia empregada. Pesquisas qualitativas carecem de intersubjetividades para conferir validade e confiabilidade nas análises, sendo recomendado compartilhar das análises com outro expert na área (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). No entanto, não foi empregada a intersubjetividade para a análise e atribuição dos indicadores de tendência (quadro 1).

Por isso, o roteiro de análise foi estritamente seguido, com intervalo de 1 hora entre a análise dos trabalhos de edições diferentes, mas a análise de todas as edições sendo feita no mesmo dia. O roteiro contou com as seguintes etapas (quadro 3):

Etapa	Procedimentos	Justificativa
1ª	Leitura do título e resumo	No título e resumo o intento foi buscar indícios da metodologia empregado e de como os resultados eram apresentados. A generalização é um forte indicador de “ modernidade ”.
2ª	Leitura da introdução	Na introdução a busca é por mais indícios do tipo de pesquisa a ser realizado. Em certas orientações metodológicas o último parágrafo da introdução se dedica à traços do desenrolar do restante da pesquisa.
3ª	Leitura da metodologia	Busca por procedimentos de coleta de material empírico, estratégia de pesquisa, detalhamentos quanto a neutralidade ou não do pesquisador frente ao objeto de análise e descrição quanto as propriedades mensuráveis ou não do objeto em análise.
4ª	Leitura das considerações finais	As principais evidências buscadas nas considerações finais foram tipo de generalização da pesquisa, confirmação de metanarrativas e visão determinística do trabalho.

Quadro 3: Roteiro de análise dos trabalhos (*Corpus*)

Fonte: Resultado da pesquisa.

3.1. VIÉS DO ANALISTA

Em pesquisa qualitativa alguns detalhes são mais complexos do que em pesquisas quantitativas, em especial a validade e confiabilidade da análise (GODOI; BALSINI, 2006). Nestes casos de pesquisa, qualitativa, a validade e a confiabilidade da análise advêm não de índices estatísticos e procedimentais, mas sim da intersubjetividade dos pares, como num tipo específico de compartilhamento de visão, legitimado pelos experts da área.

Porém, nesta pesquisa não se admitiu a possibilidade de intersubjetividade visto o caráter avaliativo do trabalho.

Além disso, e também como limite metodológico, em pesquisas qualitativas admite-se um imbricamento dos vieses do investigador frente ao objeto estudado, necessário à própria construção da realidade analisada (GLASERSFELD, 1996). Por isso é conveniente, e reflexo de honestidade intelectual do pesquisador, apresentar-se diante de seus textos, deixando exposto seus vieses.

Isso posto, exponho meus vieses. Início pela minha experiência profissional, que se deu prioritariamente em empresas familiares, as 16 anos, num tipo exemplar de patriarcado consanguíneo colegiado. Nesta empresa iniciei minha atuação profissional em cargos de execução, tendo a empresa como sendo uma extensão da família e do lar. Minha família é moderna, no conceito que estamos discutindo neste texto, mantendo um núcleo familiar frente às fragmentações do mundo. Intencionalmente minha educação básica foi em instituições de ensino com inclinações religiosas. Logo, tanto familiarmente quanto profissionalmente minha caminhada é moderna.

Do ponto de vista de formação acadêmica, sou graduado em Administração de Empresas com ênfase em empreendedorismo, em 2006, e, como a maioria dos cursos nacionais, com inclinação fortemente funcionalista, em especial dado que a instituição em que me formei é uma pequena unidade no interior de Pernambuco com total devoção ao mercado. Concluí um curso de especialização, na modalidade de MBA (*Master in Business Administration*), em 2008, com foco voltado para o planejamento estratégico. A mesma abordagem funcional se deu no mestrado, em 2011, já que a instituição possuía 10 anos de experiência na oferta regular do curso de mestrado profissional e fui da primeira turma do mestrado acadêmico, contando com toda a bagagem institucional e corpo docente predominantemente funcionalista. Histórico de publicações, incluindo a dissertação, bem como trabalhos técnicos, como palestras, treinamentos e consultorias, também sempre com inclinação fortemente funcionalista, modernista.

Com isso, fica claro que tenho fortes traços modernistas, como bagagem última de minha vida inteira nos âmbitos familiar e profissional. Não obstante notar-se-á tal inclinação neste texto, em especial pela tendência à quantificar, identificar e estruturar. Meu momento atual é de transição, voluntária e forçada ao mesmo tempo, dado que no Doutorado me proponho a estudar cultura como manifestação do cotidiano, numa abordagem pós-estruturalista.

4. A ANÁLISE DO PROBLEMA

O resumo das análises dos trabalhos premiados é apresentado nas tabelas 2 e 3.

Temas de Interesse [Divisões Acadêmicas]	2009	2010	2011	2012	Resultado da análise
ADI	3,00	3,60	3,40	3,40	3,35 Tendência Moderna
APB/APS	3,80	E.T.*	3,20	3,00	3,33 Tendência Moderna
CONT	4,00		3,40	3,80	3,73 Tendência Moderna
EOR	2,60	1,80	2,80	E.T.*	2,40 Tendência Pós-Moderna
EPQ	E.T.*	E.T.*	E.T.*	3,80	3,80 Tendência Moderna
ESO	3,60	3,00	3,80	3,60	3,50 Tendência Moderna
FIN	3,80	3,80	3,80	4,00	3,85 Tendência Moderna
GCT	3,00	3,60	3,60	3,80	3,50 Tendência Moderna
GOL	3,80	3,80	3,00	4,00	3,65 Tendência Moderna
GPR	3,40	2,60	2,80	2,00	2,70 Tendência Pós-Moderna
MKT	3,20	3,80	3,60	2,00	3,24 Tendência Moderna
		3,60			
Resultado da análise	3,42 Tendência Moderna	3,29 Tendência Moderna	3,34 Tendência Moderna	3,34 Tendência Moderna	

E.T. = Ensaio teórico.

Caixas com sombreamento "azul" indicam os trabalhos premiados por divisão acadêmica.

Tabela 2: Apresentação do resumo das análises dos artigos premiados de todas as divisões acadêmicas por ano

Fonte: Resultados da pesquisa.

Das 11 (onze) divisões acadêmicas do evento, 2 (duas) delas se mostram com tendências pós-modernas no período analisado, que foram **EOR** e **GPR**, com respectivas média longitudinais no período analisado de **2,40** e **2,70** (de um total máximo de 4,00). Com esta constatação, recorreu-se ao site institucional do evento (http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=subsecao&cod_edicao_subsecao=904&cod_evento_edicao=68) para coletar quais os macrotemas que são discutidos nesta divisão acadêmica, sendo apresentados a seguir:

EOR - Estudos Organizacionais

Tema 01 - Abordagem Institucional nos Estudos Organizacionais

Tema 02 - Comportamento e Aprendizagem

Tema 03 - Trabalho, Organização e Sociedade

Tema 04 - Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais

Tema 05 - Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações

Tema 06 - Gênero e Diversidade

Tema 07 - Redes e Relacionamentos Organizacionais

Tema 08 - Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações

Tema 09 - História, Memória, Processos Discursivos e Produção de Sentidos

Tema 10 - Prática de Gestão e Teorias de Administração em Estudos Organizacionais

GPR - Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

Tema 01 - Gestão de Pessoas, Relações de Trabalho e Comportamento Organizacional

Tema 02 - Trabalho e Diversidade

Tema 03 - Gestão de Carreiras

Tema 04 - Mudanças e Permanências nas Relações de Trabalho

Tema 05 - Liderança

Tema 06 - Prazer e Sofrimento no Trabalho

Tema 07 - Trabalho, Gestão e Subjetividade

Tema 08 - Políticas, Modelos e Práticas de Gestão de Pessoas

Tema 09 - Conhecimento e Aprendizagem

Tema 10 - Competências

Embora não faça parte do escopo desta pesquisa analisar o relacionamento entre temas e ontologia, parece que as duas divisões acadêmicas que obtiveram a classificação “**tendência pós-moderna**” compartilham de grande proximidade com o ser humano no contexto das organizações e, em especial, como objeto de análise específica. Essa evidência tanto se coaduna com a teoria pós-moderna que trata de resgatar a individualidade e romper com as metanarrativas da modernidade (LYOTARD, 2004), como também válida, de certo modo, a escala utilizada e o roteiro de análise.

Alguns temas das divisões acadêmicas apresentadas no extrato anterior foram hachurados para evidenciar temas com forte inclinação crítica e, assim, com forte tendência pós-moderna. O acesso aos trabalhos premiados não permite a informação de qual tema da divisão acadêmica o trabalho estava vinculado, logo, a inferência se os temas hachurados foram os temas contemplados com os trabalhos premiados não é possível.

A informação contrária à “**tendência pós-moderna**” também foi evidenciada. A divisão acadêmica com maior “**tendência moderna**” foi a divisão acadêmica **FIN**, com média longitudinal no período analisado de **3,85** (de um total máximo de 4,00). Essa evidência vai ao encontro da teoria, já que a divisão acadêmica FIN apresenta os seguintes temas

(http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=subsecao&cod_edicao_subsecao=904&cod_evento_edicao=68):

FIN - Finanças

Tema 01 - Estrutura de Capital, Dividendos e Capital de Giro

Tema 02 - Governança, Fusões e Aquisições e Estrutura de Propriedade

Tema 03 - Gestão de Riscos e Derivativos

Tema 04 - Investimento e Apreçamento de Ativos

Tema 05 - Mercados e Instituições Financeiras

Tema 06 - Crises Financeiras

Nota-se que contrariamente às divisões acadêmicas que foram classificadas como “**tendência pós-moderna**”, a divisão acadêmica **FIN** não tem relação íntima e visceral com o ser humano no contexto da organização, o que influencia, mas não condiciona, sua posição ontológica de “**tendência moderna**”.

Interessante notar o comportamento da divisão acadêmica **MKT**, que embora tenha se mostrado com “**tendência moderna**” ao longo do período analisado, é a que apresenta menor média longitudinal no período analisado das divisões acadêmicas com “**tendência moderna**” (**3,24** no período analisado), tendo em 2012 o trabalho eleito o melhor da divisão acadêmica com “**tendência pós-moderna**” (média **2,00**). Esse resultado encontra respaldo no comentário de Hardt e Negri (2001) a respeito da função de marketing em um mundo com fortes traços pós-modernos, com diversidade de identidades e processo de significação flutuante.

O resultado da análise por divisão acadêmica acaba por validar, para o evento analisado, no período considerado, o já previsto na literatura e em pesquisas anteriores, tais como Mendes (2004), Vieira e Caldas (2006), Wood Jr (2007), Cooper e Burrell (2007), Alvesson e Deetz (2007), Alcadipani e Tureta (2009), Rocha et al (2011) e Souza (2012), em que afirmar que o *mainstream* da área de pesquisa em organizações é a ontologia **moderna** (epistemologia funcionalista). Contudo, é fundamental entender a tendência de uma ontologia crítica e antagônica evidentemente à hegemônica já conseguir espaços legítimos no maior e melhor evento de pesquisa em organização do Brasil.

Em análise apenas dos trabalhos premiados como “**Melhor Trabalho EnANPAD – Prêmio Clóvis L. Machado-da-Silva**”, apresentados na tabela 3, a situação se mostra um pouco diferente. Evidencia-se que 1 (um) dos 4 (quatro) trabalhos eleitos melhor do evento apresentou “**tendência pós-moderna**”. Embora seja uma pequena participação, confirmando as pesquisas anteriores, em especial Rocha et al (2011), demarca espaço importante no cenário nacional da pesquisa em organizações.

Ano	Tema de Interesse [Divisão Acadêmica]	Resultado da análise	
2009	APB/APS	3,00	Tendência Moderna
2010	MKT	3,80	Tendência Moderna
2011	GPR	2,80	Tendência Pós-Moderna
2012	FIN	4,00	Tendência Moderna
Resultado análise geral		3,40	Tendência Moderna

Tabela 3: Apresentação do resumo de análise dos artigos premiados por divisão acadêmica
Fonte: Resultados da pesquisa.

Quanto ao evento, de uma maneira holística, confirma-se a posição ontológica “**tendência moderna**” para todos os anos analisados, conforma tabela 2 apresenta.

Outra evidência que “saltou aos olhos” quando da análise foi que, mesmo em evento com “**tendência moderna**”, que tem por teoria a modernidade e sua racionalidade, distanciamento da natureza e matematização da vida, 2 (dois) dos 4 (quatro) trabalhos eleitos “**Melhor Trabalho EnANPAD – Prêmio Clóvis L. Machado-da-Silva**” empregaram abordagem qualitativa. Foram eles os trabalhos premiados das divisões acadêmicas **APB** (2009) e **GRP** (2011). Além disso, pela análise das descrições dos trabalhos com base no quadro 1, não há evidência suficiente para relacionar “**tendência moderna**” com pesquisa quantitativa. O quadro 4 apresenta a abordagem dos trabalhos eleitos como “**Melhor Trabalho EnANPAD – Prêmio Clóvis L. Machado-da-Silva**”.

Ano	Tema de interesse [Divisão acadêmica]	Avaliação		Abordagem
2009	APB/APS	3,00	Tendência Moderna	Qualitativa
2010	MKT	3,80	Tendência Moderna	Quantitativa
2011	GPR	2,80	Tendência Pós-Moderna	Qualitativa
2012	FIN	4,00	Tendência Moderna	Quantitativa
Média longitudinal		3,40	Tendência Moderna	

Quadro 4: Análise dos melhores trabalhos do evento evidenciando a abordagem empregada
Fonte: Resultado da pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das análises, julga-se atingido o objetivo proposto, que foi mapear a publicação de *papers* no Brasil e verificar sua aderência, ou não, à modernidade. Observa-se que o evento EnANPAD (Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração) tem uma “**tendência moderna**” no período compreendido entre 2009 e 2012, o que atesta a teoria e pesquisas anteriores.

Também as evidências apresentaram que (2) duas divisões acadêmicas apresentaram “**tendência pós-moderna**” no período analisado, a saber **EOR** e **GPR**. Dos trabalhos eleitos “**Melhor Trabalho EnANPAD – Prêmio Clóvis L. Machado-da-Silva**”, dos 4 (quatro) eleitos 1(um) apresentou tendência “**pós-moderna**”.

Como evidência complementar notou-se que não há, pelo menos na amostra analisada, como relacionar “**tendência moderna**” com pesquisa quantitativa, pois evidências

apresentaram que trabalhos qualitativos receberam média de julgamento que os incluíram na “**tendência moderna**”.

Esta pesquisa se prestou ao objetivo de mapear para melhor entender a ontologia presente nas pesquisas em organizações. A reflexão que sugere é como uma área inserida nas ciências sociais aplicadas mantém um *mainstream* de publicação com “**tendência moderna**” em meio à um mundo com fortes e marcantes tendências “**pós-modernas**” (SANTOS, 2000; HARDT; NEGRI, 2001; LYOTARD, 2004; KUMAR, 2006).

Como limitação da pesquisa, apresenta-se a falta do procedimento de intersubjetividade para legitimar as análises no quesito validade e confiabilidade. Além disso, tanto a escala quanto as descrições que sintetizam a modernidade e que tiveram seu verso representando a pós-modernidade podem sofrer ajustes e refinamentos. Nesta pesquisa utilizou-se de escala já validade em estudos anteriores, mas ainda se pode ajustar mais. Outra limitação se dá na escolha arbitrária da média 3 (entre moderado e forte) para caracterizar a “**tendência moderna**”, deixando mais intervalos que possibilitariam a “**tendência pós-moderna**” (2 intervalos [1-2], [2-3]) frente a “**tendência moderna**” (1 intervalo [3-4]).

A última limitação, e mais severa, é que se utilizou, por questões de planejamento de tempo, os trabalhos premiados nos eventos EnANPAD entre 2009 e 2012 como *proxy* de representação dos demais trabalhos apresentados no evento e, além disso, para a representação da pesquisa em administração no Brasil. De certo a inferência a fim de generalizar passa por duras limitações, mas a opção tomou por base a legitimidade, como exemplar, dos trabalhos premiados no evento EnANPAD como representativo da qualidade dos trabalhos publicados em nossa área. Logo, buscou-se uma representatividade qualificada, que limita as generalizações.

Como sugestão para pesquisas futuras, sugere-se: 1. Repetir a análise para o censo dos trabalhos; 2. Investigar a relação entre a eleição dos melhores trabalhos das divisões acadêmicas e o perfil dos avaliadores dos trabalhos, na busca de evidências que indiquem que só recebe avaliação positiva aquele trabalho com avaliar que compartilha a mesma ontologia e; 3. Aplicar uma pesquisa bibliométrica para mapear detalhes como abordagem de pesquisa, estratégia de pesquisa e nos trabalhos pós-modernos coletar informações sobre o marco teórico, quem são os autores, quais as obras, qual a instituição que mais publicado e demais elementos bibliométricos disponíveis.

REFERÊNCIAS

- AKTOUF, O. **Pós-globalização, Administração e racionalidade econômica: A síndrome do avestruz**. São Paulo: Atlas, 2004.
- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Perspectivas críticas no Brasil: Entre a “verdadeira crítica” e o dia a dia. **Cadernos EBAPE**, v. 7, n. 3, art. 7, Set., 2009.
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 2007, p. 226-264.
- BARNARD, C. **The Functions of the Executive**. Cambridge: Harvard University Press, 1938.
- BARRETO, T. V. Positivismo, positivismos: Da tradição francesa ao positivismo instrumental. **Estudos de Sociologia**. v. 4, n. 2, jul./dez., p. 7-31, 1998.
- BAUMAN, Z. A sociedade líquida. (Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Palhares-Burke). **Folha de S. Paulo, Mais!**, São Paulo, 19 out. 2003. p. 5-9.
- BAUMAN, Z. A. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 2007, p. 437-460.
- CALDAS, M. P. Paradigmas em estudos organizacionais: Uma introdução à série. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 45, n. 1, p. 53-57, Jan./Mar., 2005.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernismo, pós-modernismo e análise organizacional. *In*: CALDAS, M. O.; BERTERO, C. O. (Coords). **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007, p. 312-334.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: Estudo da psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FAYOL, H. **Administração Industrial e Geral**: Previsão, organização, comando, coordenação e controle. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FOURNIER, V.; GREY, C. Na hora da crítica: Condições e perspectivas para os estudos críticos de gestão. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 46, n. 1, p. 71-86, Jan./Mar., 2006.

GLASERSFELD, E. V. **A construção do conhecimento**. *In*: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 75-83.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: Uma análise bibliométrica. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: Paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 89-112.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KELLNER, D. **A cultura da mídia** – estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

KUMAR, K. **Da sociedade industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LATOURET, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOURET, B. **Ciência em Ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MENDES, D. **O caleidoscópio**: Modismos e pós-modernidade. *In*: Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, XXVIII, 25 a 29 Set., Curitiba (PR), 2004.

MIRANDOLA, G. P. D. **Of being and unity**. Milwaukee: Marquette University Press, 1943.

OLIVEIRA, B. R. B.; COSTA, C. S. R.; KOVACS, E. P. **Lentes epistemológicas e metodológicas nas pesquisas brasileiras em administração estratégica**: Características e pressupostos norteadores. *In*: Encontro de Estudos em Estratégia (3E's), V, Porto Alegre (RS), 15 a 17 Maio, 2011.

PLASTINO, C. A. **O primado da afetividade**: a crítica freudiana ao paradigma moderno. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

POPPER, K. R. **A Lógica da pesquisa científica**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PORTER, M. E. How Competitive Forces Shape Strategy. **Harvard Business Review**, v. 57, n. 1, March/April, 1979.

ROCHA, D. C. et al. **Teoria crítica e pós-modernismo**: Principais paradigmas e produção científica no Brasil. *In*: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, III, Joao Pessoa (PB), 20 a 22 Nov., 2011.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, E. M. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: Equívocos, antagonismos e dilemas. **Cadernos EBAPE**, v. 10, n. 2, art. 2, Jun., 2012.

TAYLOR, F. W. **Princípios de Administração Científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VASCONCELOS, F. C. Racionalidade, autoridade e burocracia: As bases de definição de um tipo organizacional pós-burocrático. **Revista de Administração Pública**, v. 38, n. 2, p. 199-220, Mar./Abr., 2004.

VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: Principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 46, n. 1, p. 59-70, Jan./Mar., 2006.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

WOOD JR, T. Nota técnicas: Frutas maduras em um mercado de ideias mofadas. *In*: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 2007, p. 265-269.

ⁱ Detalhamentos, créditos, críticas, fotos e demais informações disponíveis em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1832/>, acesso em 22 Jul. 2013, às 1h32m.